

ASPECTOS DA MEMÓRIA NAS OBRAS DE LEONOR LÓPEZ DE CÓRDOBA E MARGERY KEMPE

Fernanda Cardoso Nunes

(PPGL-UFPB)¹

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

(PPGL-UFPB)²

RESUMO

Este trabalho objetiva realizar uma análise comparativa das *Memórias* da castelhana D. Leonor López de Córdoba (c.1362/63- c.1430) e da obra *The Book of Margery Kempe* (c. 1436 - 38) da autora inglesa Margery Kempe (1373-1438) através da perspectiva da memória. Ambas compartilham o fato de que são consideradas as primeiras autobiografias em suas línguas, ou seja, em espanhol e em inglês. Como fundamentação teórica para esta pesquisa, utilizaremos os escritos de Viñao (2007), Le Goff (2013), Perrot (2015), Deplagne (2018), Guimarães (2015), Félix (1998), Power (1996), Castagnino (1970) e Santo Agostinho (2013). O uso da memória constitui assim, um elemento literário importante e se torna o fio condutor dos textos visando facilitar a elaboração das narrativas das vivências das duas autoras.

Palavras-chave: Memória, Literatura Medieval, Leonor López de Córdoba, Margery Kempe.

Introdução

A produção literária de autoria feminina na Idade Média vem sendo revisitada e resgatada. A perspectiva do cenário intelectual feminino medieval durante muito tempo foi considerada excludente ou até mesmo inexistente. No entanto, principalmente com as pesquisas da *Nouvelle Histoire*, do Novo Medievalismo, da História das Mulheres, entre outras correntes de estudos historiográficos da segunda metade do século XX, essa visão vem sendo modificada:

Registrar, fora do silêncio das fontes, a palavra das mulheres... Na verdade, primeira a tomar a palavra no Paraíso, a mulher está no centro, no próprio berço da palavra. Primeira também a comprometer-se na relação com o outro – só o diálogo de Adão e

¹ Esse artigo foi originalmente apresentado como pré-requisito para avaliação da disciplina de Estudos Medievais, ministrada pelo Prof. Dr. Juan Ignacio Jurado-Centurión López do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL-UFPB). Aluna do PPGL-UFPB. E-mail: fernandacardosonunes@yahoo.com.br.

² Professora Doutora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL-UFPB). E-mail: lucianaeleonora@yahoo.com.br.



do Criador, troca contratual e fundadora, a tinha precedido -, a mulher diz imediatamente o seu papel de nascimento no social. (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 517).

O trabalho de historiadoras como a acima citada Danielle Régnier-Bohler, presente na importante obra de vários volumes *História das Mulheres no Ocidente* (1990), organizada por Georges Duby e Michelle Perrot, bem como as contribuições de estudiosas como Régine Pernoud, María Milagros Rivera Garretas e Eileen Power, vem desconstruindo esse lugar das mulheres na produção literária medieval. Mulheres produziram literatura na Idade Média e seus escritos vêm despertando o interesse cada vez maior por parte de pesquisadoras e pesquisadores que buscam desconstruir o preconceito da Idade Média como sendo a “Idade das Trevas”.

Este trabalho objetiva realizar uma análise comparativa das *Memórias* da castelhana D. Leonor López de Córdoba (c.1362/63- c.1430) e da obra *The Book of Margery Kempe* (c. 1438) da autora inglesa Margery Kempe (1373- c.1438). Ambas compartilham o fato de que são consideradas as primeiras autobiografias em suas línguas, ou seja, em espanhol e em inglês. A obra conhecida por *The Book of Margery Kempe* (1438) tem sua autoria atribuída à mística Margery Kempe, nascida em King’s Lynn, Norfolk, Inglaterra. O texto foi considerado perdido por séculos até 1934, quando foi redescoberta em um manuscrito do século XV. Foi escrito em *Middle English*, no dialeto de Norfolk.

Leonor López de Córdoba nasceu em Calatayud (Zaragoza) em c. 1362-1363 e faleceu em Córdoba, c. 1430. Essas mulheres que, mesmo sob vigilância do meio religioso e cultural em que viviam, conseguiram deixar para a posteridade obras que apresentam uma riqueza literária ímpar por meio dos seus relatos autobiográficos e memorialísticos, o que as aproxima das narrativas das crônicas medievais, no que estas apresentam elementos do cotidiano e das experiências vividas por essas mulheres em seus contextos sociais.

O uso da memória constitui assim, um elemento importante e se torna o fio condutor do texto visando facilitar a elaboração da narrativa de suas vivências, desenvolvendo um enredo que seja de fácil assimilação. No entanto, como observa



Antonio Viñao, a memória, não é um mero espelho da realidade, mas sim um filtro através do qual recriamos o passado, misturando coisas lembradas e esquecidas:

La memoria no es un espejo, sino un filtro, y lo que sale a través del filtro, no es nunca la realidad misma, sino una realidad siempre recreada, reinterpretada y a veces, incluso, consciente o inconscientemente imaginada hasta tal punto que puede llegar, en la mente del que recuerda, a substituir, con ventaja, a lo realmente acaecido. (VIÑAO, 2007, p.1).

Assim, imagina-se e se recria essas experiências através da reinterpretação proposta pelo ato do registro escrito, da prática textual. Como fundamentação teórica para esta pesquisa, além do supracitado Viñao (2007), utilizaremos os escritos de Le Goff (2013), Perrot (2015), Deplagne (2018), Guimarães (2015), Félix (1998), Power (1996), Castagnino (1970) e Santo Agostinho (2013).

As Memórias de Leonor de Córdoba e o livro de Margery Kempe: narrativas no feminino

Leonor López de Córdoba nasceu em Calatayud em 1363 e faleceu em Córdoba em aproximadamente 1430. Leonor Lopez de Córdoba era filha de Martim Lopez de Córdoba, mestre das ordens de Alcântara e Calatrava, e uma das poucas sobreviventes da perseguição sofrida por sua família, depois da morte do pai. Com o casamento de Henrique III e Catarina de Lencastre, alcança uma notável posição social, que, no entanto, é novamente perdida pelas intrincadas relações régio-nobiliárquicas do período da regência de Juan II. (GUMARÃES, 2015, p.151).

A autora espanhola viveu num contexto de conflitos políticos, guerras, aumento de impostos e epidemias mortais como a peste negra. Suas memórias tem um lugar todo especial nos estudos literários espanhóis: “Las Memorias de doña Leonor López de Córdoba constituyen la primera autobiografía femenina conocida en lengua española y una de las escasas obras escritas por una mujer durante la Edad Media.” (CORDERO, 2010). Esse pioneirismo, autoria da obra que é considerada a primeira autobiografia feminina em língua espanhola, a apresenta como uma mulher que possuía certo protagonismo medieval:

Leonor, junto a muchas otras mujeres em la Edad Media, ocupó una relevante posición em la esfera social y política, ya que tenían la capacidad de disponer de sus propios bienes, dotes, herencias o donaciones, pudiendo así acumular importantes



patrimonios, y, a la vez, jugaban um importante papel en las alianzas entre familias, tan transcendentales em la vida política. (CORDERO, 2010).

Temos uma narrativa memorialística curta, de apenas nove páginas, registrada em cartório provavelmente entre 1396-1397, com a finalidade, segundo a própria autora de registrar os relatos de sua vida. É dividida em duas partes: a primeira inicia com seu nascimento até a liberdade do cárcere e a segunda descreve sua vida após a liberdade. Para Marcella Lopes Guimarães (2015), as *Memórias* de Leonor de Córdoba constituem como um manifesto pelo não esquecimento. Assim, Leonor dita suas memórias, pronuncia-se e o que pronuncia como discurso e presença contribuem para o renascimento do seu ser no mundo. As cópias do manuscrito se encontram no Arquivo Histórico de Viana, na Biblioteca Pública Provincial em Córdoba, na Real Academia de História em Madri e na Biblioteca Capitular Colombiana de Sevilha.

O texto de suas memórias é marcado pela experiência da morte: a morte do rei Pedro, do seu pai, dos irmãos e irmãs por razões políticas, e do filho e outros membros da família, por causa da peste. A própria Leonor comete o assassinato de uma criada de sua tia, por conta de um postigo que pedira que a tia instalasse na casa na qual Leonor e seu marido Rui Gutierrez estavam hospedados e que os protegeria do olhar maledicente dos vizinhos. No entanto, essa criada dissuade a tia a não o fazer e é assassinada pelas mãos da própria Leonor.

No seu relato, a autora espanhola trata dos fatos mais marcantes de sua vida pessoal e de sua época, trazendo para o leitor atual um quadro do que seria a sociedade medieval e dos acontecimentos políticos da sua região na Espanha medieval. Seu casamento precoce, a morte do pai e dos filhos, sua ascensão e queda política são retratados na obra.

Leonor de Córdoba também pode ser inserida na tradição da literatura de autoria femininamedieval, da qual fizeram parte Hildegard von Bingen, Santa Clara de Assis, Teresa d' Ávila, bem como Margery Kempe. A autora espanhola vivencia sua experiência mística e a rememora através de uma visão inspirada pela Virgem Maria, num sábado, de que haveria de reconstituir sua casa material, ajudada pela tia, mas com a intermediação da Virgem. Para tanto, ela deveria se encarregar de



criar um órfão judeu na fé cristã. No entanto, o texto relata que esse mesmo órfão levaria a peste à sua família, acarretando a morte do próprio filho de Leonor. O texto, portanto, narra os sucessos e as desventuras dessa personagem que vivenciou na própria pele várias experiências possíveis a uma mulher no final da Idade Média.

A obra conhecida por *The Book of Margery Kempe* (c.1438) tem sua autoria atribuída à mística Margery Kempe, nascida em King's Lynn (na época Bishop's Lynn), Norfolk, Inglaterra em c.1373 e falecida em c. 1438. A obra foi considerada perdida por séculos até 1934, quando foi redescoberta em um manuscrito do século XV. Foi escrita em *Middle English*, no dialeto de Norfolk. O texto relata o cotidiano doméstico da autora, suas peregrinações a lugares sagrados na Europa e na Terra Santa, bem como suas conversas com Deus. A narrativa relata as visões e as experiências de Kempe com a divindade, bem como traz um retrato bastante interessante da Idade Média inglesa pela perspectiva de uma mulher.

Temos aí dois textos pessoais que se aproximam das crônicas, dos diários íntimos, das correspondências e das memórias. Em uma tradição literária que durante muito tempo teve a presença da mulher, “[...] frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos destruídos [...]”, só podemos constatar que há “[...] um déficit, uma falta de vestígios.” (PERROT, 2015, p. 21). Temos aí, a busca da construção de uma linhagem feminina no tocante aos textos que se configuram como memorialísticos e discutimos, “[...] a ausência dos escritos autobiográficos de autoria feminina nos estudos teóricos e críticos definidores das particularidades do gênero literário que abarcam as escritas de si.” (DEPLAGNE, 2018, p.96). No caso de Margery Kempe, temos o relato de suas experiências místicas, o que não deixa de ser uma forma de relato memorialístico, pois como ainda afirma a supracitada historiadora francesa, “[...] esses diversos tipos de escritos são infinitamente preciosos porque autorizam a afirmação de um “eu”. (PERROT, 2015, p.22). E nesse contexto, “[...] falar em memórias de mulheres – coletivas e/ou individuais – é falar de relações de poder.” (DEPLAGNE, 2018, p.97). É graças a esses escritos que se ouve o “eu”, a voz das mulheres e como essas vozes são entretecidas e muitas vezes se perdem em meio às questões de poder, seja ele secular, seja religioso. Vozes em tom menor, mas de mulheres cultas, ou, pelo



menos, que tiveram acesso à escrita, fosse de próprio punho, fosse através da figura de um escriba. (PERROT, 2015, p.30).

Relatos memorialísticos de mulheres: registrar para não esquecer

A palavra “crônica” em língua portuguesa tem como sua referência mitológica o deus grego Cronos - deus do tempo na mitologia grega. O gênero crônica é marcado por uma contagem de tempo cronológica linear que denota narratividade. No contexto da Idade Média, temos as crônicas como um gênero do discurso que oscila entre a história e a literatura. Se pensarmos, por exemplo, na construção da personagem portuguesa medieval de Inês de Castro no imaginário europeu, percebemos, ao longo dos registros nas primeiras crônicas medievais portuguesas que a mencionam já no século XIV, uma mudança entre a Inês histórica e a Inês criada com elementos mitológicos e ficcionais.

Esses elementos literários, que vão sendo paulatinamente introduzidos e assimilados, vão ter uma diversidade de propósitos, como por exemplo, memorialísticos e didáticos: “As crônicas medievais são conduzidas por uma diretriz, na qual o tempo é claramente cronológico, definido pelos eventos e, da mesma forma, projetiva, já que as crônicas visam dar exemplos para a posteridade, ou seja, tem uma perspectiva tanto memorialista quanto moralista.” (MICHELAN, 2009, p.2). No decorrer dos séculos XIII e XIV, a crônica, que fora considerada um gênero menor nos séculos anteriores, agora se tornaria a principal forma da erudição histórica: “Crônica e história fundem-se, então, em um único gênero, autônomo, que presa pela cronologia e que se intitula preferencialmente por crônica.” (MICHELAN, 2009, p. 6).

No contexto do presente estudo, temos duas autobiografias que trazem em sua essência elementos das crônicas medievais. Como destaca a historiadora Michelle Perrot, “[...] as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas.” (2015, p.17). Aqui temos duas personagens femininas que se contam. Que relatam a si mesmas e registram seus feitos. Percebemos que em todos os escritos de autoria dessas mulheres há um movimento no sentido de não esquecer o vivido, de não perder de vista aquilo que constituiu matéria de uma vida. Vale lembrar que, em ambas as obras, temos a continuidade de toda uma



tradição de literatura de autoria feminina mística E para a mística, esquecer é um pecado: lembrar-se do que se vive é fundamental, como podemos observar nas memórias de Leonor de Córdoba:

Por ende, sepan cuantos esta escritura vieren, como yo, doña Leonor López de Córdoba, hija de mi señor el Maestre don Martín López de Córdoba, e doña Sancha Carrillo, a quien dé Dios Gloria y Paraíso, juro por esta significancia de [...] en que yo adoro, como todo eso que aquí es escrito, es verdad que lo vi, y pasó por mí, y escribolo a honra y alabanza de mi señor Jesucristo, e de la Virgen Santa María, su madre, que lo parió, porque todas las criaturas que estuvieren en tribulación sean ciertas, que yo espero en su misericordia, que si se encomiendan de corazón a la Virgen Santa María, que ella las consolará, y acorrerá, como consoló a mí; y porque quien lo oyere sepan la relación de todos mis hechos e milagros que la Virgen Santa María me mostró, y es mi intención que quede por memoria, mandelo escribir así como vedes. (CÓRDOBA, 2010, p.30).

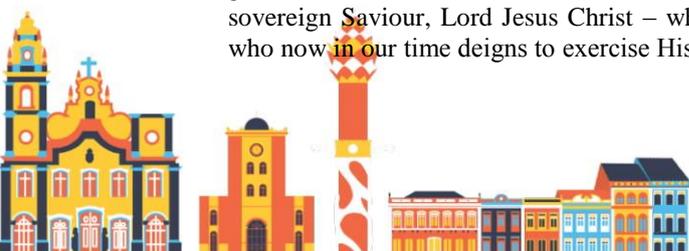
Ou ainda o impulso de escrever “commanded by God” (“ordenada por Deus”) no texto da mística inglesa Margery Kempe:

Aqui tem início um tratado curto e reconfortante para indignos pecadores, no qual eles podem ter grande alívio e conforto para eles mesmos e compreender a alta e indescritível misericórdia de nosso soberano Salvador, o Senhor Jesus Cristo - cujo nome deve ser louvado e adorado sem fim - que agora em nosso tempo se digna a exercer Sua Nobreza e Bondade conosco, que somos indignos. (KEMPE, 2015, p. 4)³

Vale ressaltar que esse artifício de escrever “sob ordem divina” era muito comum às místicas medievais, pois tal artifício lhes conferia autoridade textual. E essa memória que é registrada sob os auspícios divinos é algo caro à Idade Média. Como observa Jacques Le Goff, “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas.” (2013, p.422).

Dentre os elementos que poderiam prejudicar essa narrativa, esse registro do que se viveu e se testemunhou, estava a morte, pois esta implicaria um conhecimento moral que estaria relegado ao esquecimento e, portanto, ao pecado,

³ Todas as traduções da obra *The Book of Margery Kempe*, constantes neste trabalho, serão de autoria de Fernanda Cardoso Nunes, a partir da tradução para o inglês moderno, de Anthony Bale (2015) (Cf. Referências): “Here begins a short and comforting treatise for sinful wretches, in which they might have great solace and comfort for themselves and understand the high and indescribable mercy of our sovereign Saviour, Lord Jesus Christ – whose name shall be worshipped and magnified without end – who now in our time deigns to exercise His nobility and His goodness to us, the unworthy ones.”



conforme se pensava na Idade Média. Como já observado anteriormente, a morte e suas diversas faces como as pestes e os assassinatos, era um elemento muito presente no texto de Leonor de Córdoba. Sua infância foi marcada pela morte da mãe e pelo casamento precoce:

Y mi madre falleció muy temprano, y así me casó mi padre de siete años con Ruy Gutiérrez de Hinestrosa, hijo de Juan Ferrández de Hinestrosa, camarero mayor⁶ del señor rey don Pedro y su canciller mayor⁷ del sello de la puridad, y mayordomo mayor⁸ de la reina doña Blanca, su mujer, el cual casó con doña María de Haro, señora de Haro y los Cameros. (CÓRDOBA, 2010, p.30-31).

O historiador francês Jacques Le Goff ainda destaca que a memória estava no centro da psicologia de Santo Agostinho, um dos maiores pensadores da Idade Média. Segundo Agostinho, a inteligência humana era composta de *intelligentia*, *amor* e *memoria*. Destaca ainda a grande influência cristã como ideologia e religião dominante:

Cristianização da memória e da mnemotécnica, repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica, desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, aparecimento, enfim, de tratados de memória (*artes memoriae*), tais são os traços mais característicos das metamorfoses da memória na Idade Média. (LE GOFF, 2013, p. 405).

Essa cristianização da memória de que nos fala Le Goff é fundamental para se compreender o registro que essas mulheres fazem de suas vidas. No caso de Margery Kempe, a memória é fio condutor para tentar compreender as suas vivências com o sagrado. Dessa forma, maximizar o poder memorialístico do enredo dessa narrativa potencializa o poder transformador das visões sobre a narradora-personagem e seu público. No trecho a seguir temos um relato de sua conversa com o vigário de Norwich:

Então ela se sentou na igreja. Ela, sentada um pouco para o lado, contou a ele todas as palavras que Deus a tinha revelado em sua alma. Depois disso, ela contou para ele tudo que ela havia vivido desde sua infância até nosso Senhor Jesus Cristo, o quão orgulhosa e vã ela fora em seu comportamento, o quão obstinada contra as leis de Deus e o quão invejosa de seus irmãos cristãos; e, depois, o quanto agradou ao Senhor Jesus Cristo, o quão purificada ela foi com muitas atribulações e tentações horríveis e como depois disso tudo ela foi alimentada com meditações sagradas e



ficou especialmente atenta para com a Paixão de nosso Senhor.⁴ (KEMPE, 2015, p.39).

Assim, Kempe narra os fatos de sua vida que a levaram a buscar uma vida consagrada à divindade. O tempo rememorado constitui esse fio que tece o enredo de sua experiência. Segundo Raúl H. Castagnino, o tempo “[...] é o que confere à memória existência vital, à essa memória que é simultaneamente a substância do processo de existir individual e coletivo, e da obra literária.” (1970, p. II-III). O tempo nas narrativas em estudo constitui, portanto, eixo norteador e condutor do texto literário. Dessa maneira, o manejo com a categoria tempo narrativo, principalmente num relato memorialístico, como é o caso dos textos das autoras medievais, atribuirá ou não autoridade e confiança a esses textos.

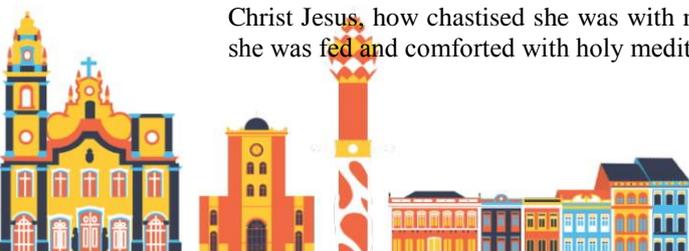
Nas memórias de Leonor de Córdoba, temos o registro da chegada da peste e de todos os infortúnios que esta trouxe para si e para sua família:

En esto vino una pestilencia, e murieron todos mis dos hermanos e mis cuñados, e trece caballeros de la casa de mi padre; e Sancho Mines de Villendra, su camarero mayor, decía a mí, y a mis hermanos: Hijos de mi señor: Rogad a Dios que os viva yo, que si yo os, nunca moriréis pobres; e plugó a Dios que murió el tercero día sin hablar. E a todos los sacaban a desherrar al desherreradero como moros, después de muertos. (CÓRDOBA, 2010, p. 37-38).

Um ponto a destacar na escrita das duas autoras é a experiência mística que as insere dentro da tradição de literatura de autoria feminina mística medieval. O livro de Margery Kempe é todo permeado por visões, choros e conversas com divindades como Jesus Cristo, a Virgem Maria entre outros. Na narrativa da autora espanhola em estudo, temos um relato de sua visão da Virgem Maria, que a promete, depois de tantos infortúnios, uma casa:

E otro día, que no quedaba más que un día de acabar mi oración, sábado, soñaba pasando por San Hipólito, tocando el alba. Vi en la pared de los corrales un arco muy grande y muy alto, e que entraba yo por allí, y cogía flores de la sierra, y veía muy gran cielo, y en esto desperté, e hube esperanza en la Virgen Santa María que me daría casa. (CÓRDOBA, 2010, p. 45-46).

⁴ “Then she sat himself down in the church. She, sitting a little to one side, told him all the words that God had revealed to her in her soul. After that she told him all her manner of living from her childhood towards our Lord Jesus Christ, how proud and vain she had been in her deportment, how obstinate against the laws of God, and how envious towards her fellow Christians; and, later, when it pleased our Lord Christ Jesus, how chastised she was with many tribulations and horrible temptations and how afterwards she was fed and comforted with holy meditations and was especially mindful of our Lord’s Passion.”



A presença da Virgem Maria na literatura produzida por mulheres, principalmente as místicas, na Idade Média, é constante. Para Leonor de Córdoba, por exemplo, suas aquisições e conquistas de são interpretadas como milagres da Virgem Maria, uma intervenção feminina do divino: “Ao longo da narrativa, autora descreve sua devoção mariana, suas promessas, orações e as consequências imediatas da sua fé.” (DEPLAGNE, 2018, p.103). Segundo Eileen Power, o culto mariano “se espalhou com grande rapidez e logo invadiu todas as manifestações de crenças populares.” (POWER, 1997, p.11). Encontraria seu ápice no século XI e teria grande influência até o fim da Idade Média. Essa imagem de Maria como a mulher ideal encontraria forte ressonância na literatura de autoria feminina da época. Margery Kempe assim descreve seu encontro com a Virgem Maria:

Outra ocasião, quando essa criatura estava ajoelhada para rezar, a Mãe de Misericórdia, aparecendo para ela, disse, “Oh, filha, seja abençoada, seu assento está pronto no Céu aos pés do meu filho e para quem quer que você deseje.”⁵ (KEMPE, 2015, p.23).

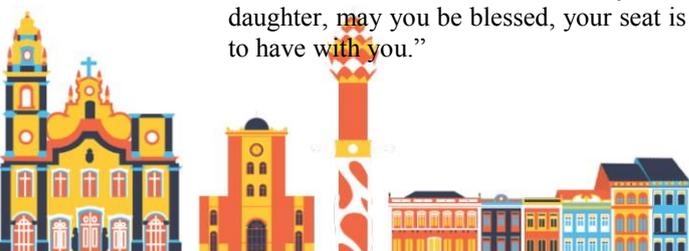
Margery Kempe, diferentemente de Leonor de Córdoba, já tinha uma “familiaridade” maior com a Mãe de Jesus. Cada uma de sua forma, relatava o seu contato com a divindade feminina e assim buscava autoridade para seus textos. Cada uma a seu modo, descrevia seus cotidianos, suas experiências e assim registravam, em suas autobiografias, a memória de suas vidas e das sociedades nas quais viviam e interagiam.

Lembrar e registrar, portanto, são movimentos no mesmo sentido tanto afirmativo: enquanto vozes femininas que escrevem e que se inserem dentro de uma tradição de escritos de autoria femininos medievais, quanto de personagens femininas que trazem muitos elementos do universo feminino para suas caracterizações literárias. E esse movimento de lembrança e registro é um dos movimentos das crônicas medievais e de suas busca por conservar por escrito o registro do passado de uma determinada sociedade.

Considerações Finais

Podemos concluir então que “[...] a memória é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de

⁵ “Another time, as this creature lay down at prayer, the Mother of Mercy, appearing to her, said, “A, daughter, may you be blessed, your seat is ready in Heaven at my son’s knee, and for whoever you wish to have with you.”



identidade.” (FÉLIX, 1998, p. 35). A partir do ato de rememorar, de lembrar, os sujeitos se constituem como vozes com todas as suas singularidades e, ao mesmo tempo, semelhanças de experiências, como pudemos constatar nas obras de Leonor López de Córdoba e Margery Kempe. O constante rememorar como processo de compreensão e registro dessa vivência se traduz numa ânsia por autoridade de seu discurso. A memória constitui assim, um elemento central para a percepção de sua experiência visionária.

A literatura de autoria feminina constitui, portanto, instrumento de inserção da produção escrita dessas mulheres no cânone da literatura medieval, reconfigurando-o através da presença de suas memórias e registros através da palavra escrita. Essa literatura, além de seus valores literários e estéticos, contém em si os primórdios de toda uma tradição, de toda uma linhagem de autoras que vai se desenhando conforme os/as pesquisadores /as acerca da literatura de autoria feminina medieval voltam seus olhares para o passado.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. (Trad. J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina). 3ª. Ed.. Petrópolis: Vozes, 2013.

CASTAGNINO, Raúl H. *Tempo e expressão literária*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

CÓRDOBA, Leonor López de. *Las Memorias de doña Leonor López de Córdoba*. (Introdução e edição de Ana María Arquero Cordero). Madrid: Asociación Thaumathos Editorial, 2010. Edição do Kindle.

DEPLAGNE, L. E. de F. C. 'As memórias' de Leonor López de Córdoba (1362/23-1430): inaugurando linhagens. *Revista Ágora*, [S. l.], n. 26, p. 94-106, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/18721>. Acesso em: 20 out. 2020.

GUIMARÃES, Marcella L.. “As memórias de D. Leonor López de Córdoba (1362/63 – 1430): uma poética do não esquecimento”. In: *Mirabilia* 21 (2015/2) , p. 151-164 .Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/304023>. Acesso em 12 Ago 2020.



KEMPE, Margery. *The Book of Margery Kempe*. (Trad. De Anthony Bale). Oxford: OUP, 2015.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. (Trad. Bernardo Leitão). 13ª Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

MICHELAN, Kátia B. “O passado como exemplo nas crônicas medievais portuguesas”. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_3d4156340e27a20f6e76feabf6eafd0d.pdf. Acesso em 12 Ago 2020.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. (Trad. de Angela M. S. Corrêa). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

POWER, Eileen. *Medieval Women*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

RÉGNIER – BOHLER, Danielle. “Vozes literárias, vozes místicas”. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Volume 2. (Trad. de Maria Helena da Cruz Coelho et alli.). Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 517-591.

VIÑAO, Antonio. LAS AUTOBIOGRAFÍAS, MEMORIAS Y DIARIOS COMO FUENTE HISTÓRICO-EDUCATIVA: TIPOLOGÍA Y USOS. *Revista Teias*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 11 pgs., ago. 2007. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23827/16808>>. Acesso em: 20 out. 2020.

